

DA ENCRUZILHADA À SOCIEDADE CASCAVELENSE: A CONTRIBUIÇÃO DO GAUCHISMO PIONEIRO

FROM THE CROSSROAD TO THE CASCAVEL SOCIETY: CONTRIBUTIONS OF THE PIONNERING GAUCHISMO

Rosângela Maria Antunes de Mello Barros¹

Maria das Dores Oliveira²

Fausto Alencar Irschlinger³

BARROS, R. M. A. M.; OLIVEIRA, M. D.; IRSCHLINGER, F. A. Da encruzilhada à sociedade cascavelense: a contribuição do gauchismo pioneiro. *Akrópolis*, Umuarama, v. 15, n. 4, p. 203-216, out./dez. 2007.

RESUMO: A presente pesquisa consiste numa idéia exploratória na busca de elementos elucidativos quanto à realidade visível do grupo denominado “Tradicionalistas Gaúchos” na cidade de Cascavel. Busca-se entender a constituição mental de valores e procederes, bem como a articulação entre educação e vivência dentro de moldes específicos e peculiares fundamentados na estrutura familiar consanguínea ou por afinidades e regulamentares, que caracterizam a posição determinante, que é visível, do homem que integra os diversos segmentos que compõem um Centro de Tradições Gaúchas, doravante denominado CTG. Nesse sentido, observamos que a ligação e/ou oposição dos migrantes italianos na formação da estrutura social, que hoje se especifica em Cascavel, e a relação entre este grupo com a sociedade em geral, nos aspectos de objetividade e subjetividade, moralidade e liberdade, bem como o indivíduo e a institucionalização normativa das agremiações, são aspectos que denotam o interesse e pautarão o desenrolar da pesquisa. Através de correlação histórica fundamentadas em fontes primárias (documental) e análises bibliográficas, buscar-se-á delinear a estrutura mental dos indivíduos que a compõem, na tentativa de elucidação e compreensão de seus procederes singulares no campo pessoal ou público. A realidade social como “grupo coeso”, Observada nos CTGs, apresenta-se na contemporaneidade como campo propício para estudos sobre os indivíduos que a compõem, tornando-os passíveis de projetarem-se como objetos analíticos. Relacionando teoria e interpretação, através das fontes primárias, apresenta-se diante de nós o indivíduo gaúcho, ativo e primando pelo convívio grupal harmônico, no qual sua obrigação é ser “exemplo” e repassar a história heróica que o precede, aos novos elementos de sua convivência. Nota-se que as formas de ser e agir, inatas ou pré-formadas que constituem o patrimônio hereditário do indivíduo gaúcho podem ser despertadas, desenvolvidas e orientadas pelos processos educativos, dentro das entidades tradicionalistas, na direção das exigências específicas do meio social em que este vive.

PALAVRAS-CHAVE: História; História do Paraná; Tradicionalismo gaúcho; Mentalidade; História de Cascavel.

ABSTRACT: The present research consists of an exploratory idea in order to elucidative elements concerning the visible reality of the group called “Traditionalistas Gauchos” in the city of Cascavel. It is searched to understand the constitution of mental and procedural values, as well as the link between education and experience within specific and peculiar models based either on a blood relation structure or affinities and regulations which characterize the determinative position, which is apparent, of the man integrating several segments composing a Centro de Tradições Gaúchas, so-called CTG. Thus, we observe that the link and/or opposition of the Italian immigrants for

¹Pós-Graduanda do Curso de Especialização em História Regional: Olhares sobre o Paraná, da Universidade Paranaense-UNIPAR, Campus Cascavel. tia_robarros@yahoo.com.br

²Pós-Graduanda do Curso de Especialização em História Regional: Olhares sobre o Paraná, da Universidade Paranaense-UNIPAR, Campus Cascavel.

³Professor orientador: Mestre em História (Universidade de Passo Fundo) Professor do Curso de História e Pós-Graduação em História da UNIPAR, Campus Cascavel.

the formation of the social structures, which there is in Cascavel today, and this group's relation towards general society, with respect to objectiveness and subjectiveness, morality and freedom, as well as the individual and the normative institutionalization of the clubs, are aspects which denote the interest and will delineate the research. Through a historical correlation, based on primary sources (documents) and bibliographical analyses, the mental structure of the individuals composing it, in an attempt to elucidate and understand its singular procedures either personal or public, will be delineate. The social reality as a "cohesive group", observed in the CTGs, presents itself within the contemporaneity as propitious a field of studies on the individuals composing it, making them into possible analytical objects. By relating theory and interpretation, through the primary sources, we face the proud gaucho, prioritizing harmonious group acquaintanceship, in which his obligation is to be "an example" forwarding the heroic history that precedes himself to the new elements of his relationship. It is noticed that the being and acting behaviors, innate or previously-formed, which constitutes the gaucho's heritage, may be awakened, developed, and guided for educative processes inside the traditionalistic entities towards the specific requirements of the social environment one lives in.

KEYWORDS: History; History of Paraná; Gaucho traditionalism; Mentality; History of Cascavel.

INTRODUÇÃO

Afirmar ou comprovar a existência do gaúcho não poderia nos bastar. Para nos convenceremos de sua realidade e da variedade dos fatores caracterizantes de seu proceder (modo de agir e ações) quanto aos costumes, vestimentas, alimentação e de seu comportamento na sociedade em geral, apresenta-se necessária uma série de investigações em que diversos aspectos sejam explorados. Sabemos da "dificuldade" em uma pesquisa de tal ordem, já que trabalhar com estruturação mental requer abarcar um longo período de análise e pesquisas meticulosas. Vale lembrar, que não é nossa intenção reter ou abranger todos os problemas que se inscrevem na constituição mental do indivíduo gaúcho e que são refletidos na sociedade a que ele pertence, mas sim, pesquisar embasando-se em pesquisa documental, análises bibliográficas e pesquisa de campo, os elementos constituintes e os fenômenos capazes de explicar ou delinear estes indivíduos e seus comportamentos dotados de peculiaridades, que se formam junto aos Centros de Tradição Gaúcha,

refletindo sua formação na sociedade em geral.

O tema abordado se refere aos mecanismos¹ utilizados pelo "grupo" denominado de Tradicionalistas Gaúchos, que fundamentaram a constituição e fixação de uma mentalidade específica de tradição familiar em terras paranaenses. Por ser um tema amplo, escolhemos, como objeto de pesquisa, Os Centros de Tradição Gaúcha (denominados CTGs) que agregam várias famílias, independentemente de sua origem geográfica. Buscamos ainda, analisando a sacralização de certos utensílios como o laço, a bombacha, o cavalo e a cuia do chimarrão, e da figura centrada na imagem da "mulher perfeita", entre outros. Nesse sentido, é necessário investigar a procedência e fundamentos doutrinários especificamente aplicados desde, a idade infantil, aos seus componentes, quer no âmbito familiar ou dentro da entidade (incutindo-lhes o conhecimento de sua história heróica e normas de comportamento ditadas por regulamentos, códigos de honra e cartas de princípios), objetivando retratar o procedimento moral, ético e dotado de altivez, advindas do modo de pensar, que pautam suas ações na sociedade. Com vistas à articulação entre teoria e prática dos princípios, morais e tradicionais observados, demonstrou-se-nos a hierofonia descrita por Mircea Eliade, na obra, O Sagrado e o Profano, quando este analisa o homem antigo como elemento constituinte da estrutura mental do indivíduo contemporâneo:

O homem das sociedades arcaicas tem a tendência para viver o mais possível no sagrado ou muito perto dos objetos consagrados. Essa tendência é compreensível, pois, para os "primitivos", como para o homem de todas as sociedades pré-modernas, o sagrado equivale ao poder e, em última análise, à realidade por excelência. O sagrado está saturado de ser (ELIADE, 1990, pág. 18).

Trabalharemos com fontes primárias indiretas de autores que se fundamentam em obras de outros autores em suas pesquisas, bem como as fontes primárias diretas, expressas em documentos como: Regulamentos, Códigos e Cartas de Princípios; Regulamento do Movimento Gaúcho do Paraná - MTG-PR; Regulamento da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha - CBTG; Regulamento da Confederação Internacional de Tradição Gaúcha - CITG; Carta de Princípios do MTG-RS; Carta de

¹Como discurso enfatizando a tradição como elemento de coalização, os **Regulamentos, Códigos e Cartas de Princípios** que norteiam o proceder deste indivíduo dentro e fora das entidades: **Regulamento do Movimento Gaúcho do Paraná - MTG-PR; Regulamento da Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha - CBTG; Regulamento da Confederação Internacional de Tradição Gaúcha - CITG; Carta de Princípios do MTG - RS; Carta de Princípios do MTG-PR; Manuais e Apostilas de Concurso de Prendas e Peões da CBTG; Manuais e Apostilas de Concurso de Prendas e Peões do MTG-PR.**

Princípios do MTG-PR; Manuais e Apostilas de Concurso de Prendas e Peões da CBTG; Manuais e Apostilas de Concurso de Prendas e Peões do MTG-PR.

Optamos por compor e dividir a pesquisa em tópicos como: *Aspectos Contextualizadores da Institucionalização* do tradicionalismo gaúcho; para o recorte espaço temporal sobre o surgimento de Cascavel, o tópico A Original Encruzilhada dos Tropeiros; dando continuidade, *A criação da Tradição no Sul do Brasil*, abarcando o viés de constituição do “mito”, através da escolha de um patrono; na seqüência, nomearemos as entidades pioneiras institucionalizadas no sul e a disseminação mensurável dos CTGs em território brasileiro, no tópico intitulado *A Estruturação Basilar das Entidades Pioneiras*; situamos espacial e temporalmente nosso objeto de pesquisa em *A Tradição Gaúcha e sua Estruturação no Paraná*; para concluirmos, realizamos algumas Considerações Gerais acerca da pesquisa.

ASPECTOS CONTEXTUALIZADORES DA CONSTITUCIONALIZAÇÃO

Neste primeiro momento, buscamos contextualizar a criação do tradicionalismo gaúcho institucionalizado e a personificação de um patrono, que reúne em si os elementos representativos de um defensor dos usos e costumes do homem gaúcho, como também abordar a 1ª Ronda Crioula, na possibilidade de chegarmos ao objetivo específico de caracterização de mentalidade advinda do imaginário social construído, através da definição obtida em estudo, da professora de antropologia do Departamento de Antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Maria Eunice Maciel². Sobre o “mito do herói” e a definição do que é “imaginário”, a autora utiliza-se da conceituação de Bronislaw Baczko (que estuda o imaginário social):

(...) É assim que, através dos seus imaginários sociais, uma coletividade designa sua identidade; elabora certa representação de si; estabelece a distribuição dos papéis e das posições sociais; exprime e impõe crenças comuns; constrói uma espécie de código de “bom comportamento”,

designadamente através da instalação de modelos formadores tais como o “chefe”, “o bom súdito”, “o guerreiro corajoso”, etc. (BACZKO, in: MACIEL, p.77).

Neste momento é necessário recorrer a Le Goff, que afirma, ao discutir Documento/Monumento, em sua obra *História e Memória*, que as manipulações conscientes e inconscientes dos monumentos-documentos sempre foram realizadas segundo as relações de poder. Optamos por um recorte temporal que abarca o século XIX como limiar nos desejos de resgate de uma história própria para o sul até aos dias atuais. Um longo período, em que o real e o imaginário se confundem por diversas vezes, e haja a possibilidade de compreensão da constituição da mentalidade dos indivíduos de um grupo específico constituinte da sociedade cascavelense.

Problematizando nossa pesquisa, com vistas a descobrir até que ponto a interação entre linguagem erudita e cultural era assimilada na mente popular, deparamo-nos diante de alguns questionamentos. Na *História das Mentalidades*,³ o individual e o coletivo se encontram, e o pensamento deixa de ser exclusivo superior e passa a representar o grupo, utilizando-se de mecanismos como o ensino. Estudando o cotidiano, o imaginário e os documentos oficiais não são embasamentos suficientes para se chegar à mentalidade coletiva. Torna-se necessário recorrer a outras ciências como a Psicologia, Antropologia, Etnografia, entre outras, sempre na busca de responder questionamentos que surgem pela observação do objeto como: Que sentimento é esse, que preenche o inconsciente coletivo contido dentro da mentalidade e desperta no indivíduo a altivez, sem que jamais tenha visto a cena retratada na literatura gaúcha ou nas “rodas de causos” sobre as guerras travadas e batalhas históricas, ou ainda, como entender a frase “liberdade dentro dos corredores da disciplina”, contida e recorrida no artigo 7º do Código de Honra?

O caráter eminentemente tradicional da educação do gaúcho está determinado pelo fato da constituição social do grupo como um todo, e pode dar-se pelo mecanismo da vida coletiva, pela herança cultural transmitida de geração em geração, num

²MACIEL, Maria Eunice. **Procurando o imaginário social: apontamentos para uma discussão**. In: **Mitos e heróis: construção de imaginários**/Organizado por Loiva Otero Felix e Cláudio P. Elmir. Porto Alegre: ED. Universidade/UFRGS, 1998.

³Terceira Geração da Escola dos Annales, fase na qual os autores Le Goff, Georges Duby, Michel Vovelle, Pierre Bourdieu, entre outros, desenvolvem metodologias e abordagem em análise histórica, primando pela vertente da *História das Mentalidades*, na qual a abordagem passa de “história social da cultura para a história cultural da sociedade” englobando imaginário, psicologia histórica ou coletiva (Freud, Eric Erikson, Rich, entre outros, são utilizados) que vincula motivação consciente e inconsciente sobre as explicações individuais e coletivas. A abordagem pelo viés da *História das Mentalidades* preocupa-se com o mundo da experiência comum (mais do que a sociedade por si só) como seu ponto de partida, juntamente com uma tentativa de encarar a vida cotidiana como problemática, no sentido de mostrar que o comportamento ou os valores, que são tacitamente aceitos em uma sociedade, são rejeitados em outra.

processo de formas e institucionalização específica e *sui generis*. Parece-nos que as aptidões adquiridas têm caráter histórico dentro das tendências e faculdades gerais que constituem efeitos de caráter fenotípico, transitório ou não, e, portanto, ligados estritamente aos indivíduos em que se produziram sob a ação organizada e sistemática de agentes educativos, que são os posteiros (professores de dança, cultura e os chefes de departamentos) ou pessoas dotadas de uma “vivência”. Denota-se, um campo propício para o aprofundamento de investigação sobre os mecanismos utilizados.

Buscando analisar o indivíduo, o “gaúcho”, verificamos que a filosofia já apresenta a noção de indivíduo (de origem grega) a partir de Aristóteles, que transpõe a noção ao plano metafísico para opor o “indivíduo” à “espécie. Em latim e em grego, etimologicamente, a palavra têm sentido de indivisível, pois este não pode ser dividido sem deixar de ser ele mesmo. Na contemporaneidade, a palavra indivíduo é uma herança da Escolástica. O homem vive necessariamente em sociedade. Como se fizesse parte da própria natureza do indivíduo, a sociedade é composta de indivíduos, mas os ultrapassa e age efetivamente sobre estes, para criar neles o ser social, muitas vezes os modelando intelectual e moralmente, infiltrando no indivíduo o “ser social”. Assim, denota-se mais amplamente o poder de penetração das informações dirigidas pelo social ao indivíduo, ao se observar pequenos grupos (como o gaúcho) dentro de sociedades complexas, onde a consciência social prevalece. Esta nos parece ser uma qualidade norteadora que caracteriza o componente que desempenha um papel de agente cultural dentro do CTG, e fora, como elemento que compõe uma sociedade.

A personalidade que se sobrepõe ao indivíduo se constrói. A psicologia destaca que a formação da individualidade e sua base constituem a conscientização e impõe a todos uma forma de unidade de direção. Porém, o meio pode contribuir para sua edificação como para destruí-la, pela pressão social que ultrapassa o indivíduo. Fazendo

parte o indivíduo deste conjunto que o ultrapassa, o individualismo seria parte deste.

Inicia-se a busca para tornar possível a comprovação das fontes diversas que ampliaram o horizonte de pesquisa e a motivação pessoal para entender as nuances da sociedade cascavelense, pela ótica de uma “trama de relações” em que o social representa o indivíduo.

Esforçando-se para captar as excepcionais, para compreender o macro⁴, as observações apontam para um objetivo mais complexo, como a relação de grupos fechados na construção da mentalidade individual e coletiva, sob a visão de recepção, reinterpretação e reincorporação, que dela se faz ao longo do século XIX, uma longa duração⁵. Para tal, utilizaremos de uma metodologia flexível, em vista de cada fonte requerer ferramentas específicas. Nesse sentido, o uso da interdisciplinaridade é fundamental para o entendimento dos conceitos da Psicologia, bem como das Ciências Sociais, Antropologia. Utilizando-nos da dialética, buscaremos no passado a explicação do fortalecimento que hoje se demonstra no tradicionalismo gaúcho. Considerando Le Goff, que nos aponta a perspectiva de passado e presente em relação constante de trocas mútuas, há a possibilidade de conhecimento através deste viés de longa duração encontradas nas fontes, que parecem de grande valia, aliadas aos documentos históricos, que apontam a estruturação mental demonstrada pelo indivíduo gaúcho, ser constituída ao longo dos séculos e numa forma de educação cultural sistematizada, passada de geração a geração, na qual a Psicologia, através de Thorndike⁶ e R.B. Zagone⁷ apresentam possibilidades de compreensão das formas de aprendizado aplicado aos indivíduos dentro do CTG.

O recorte temporal selecionado, correspondente à proposta de investigação, é pesquisado a partir do surgimento de Cascavel, situando o “gaúcho” como elemento original de formação.

⁴**Microscópio Social:** Idéia de saber que somos fruto, indivíduos inter-relacionados na mesma trama de relações (mudança de foco do genérico para as individualidades), influência da antropologia, Marx e Foucault. Autores que expressam essa perspectiva: **Ginzburg, Hobsbawn, Ciro Flamarion Cardoso**, entre outros.

⁵Ler mais em **Braudel**, que especifica a necessidade de apreender os fenômenos que mudam ao longo do tempo como o pensamento, a cultura e a mentalidade e oferece bases para um estudo histórico.

⁶**Thorndike** preconiza que o reforçamento sempre implica em redução de necessidade. Trata-se de um tipo de aprendizagem caracterizada por uma eliminação gradual dos ensaios ou tentativas que levaram ao erro e à manutenção daqueles comportamentos que tiveram o efeito desejado. Assim, se o comportamento tem efeitos favoráveis, é mantido, caso contrário é eliminado.

⁷**Zagone** estuda o aprendizado obtido pela imitação e ou observação. Em todas as características básicas consistem em que o aprendizado ocorre em função da experiência em um modelo. Haveria assim, dois padrões fundamentais de aprendizado: 1º O que se consoma com base na experiência do próprio aprendiz (condicionamento operante) - 2º O que se efetiva, com base na experiência dos outros, convertidos em paradigmas (imitação e) conformismo.

A ORIGINAL ENCRUZILADA DOS TROPEIROS RUMO A TORNAR-SE CASCAVEL JÁ CONTAVA COM A PRESENÇA DE GAÚCHOS.

Na obra, *Cascavel: a história*, do escritor Alceu A. Sperança⁸, de 1992, é citada a trajetória das famílias Bortolini e Ferri, que se uniram em Garibaldi-RS, em agosto de 1920, visando atingir Santa Helena, no oeste paranaense.

Chegaram à região aos 20 dias do mês de setembro, o ano é 1924. data na qual o plano de colonização da região oeste é mais uma vez paralisado, em virtude da revolução que se instaura entre tenentistas paulistas e grupos gaúchos, ainda resquícios dos Movimentos Tenentistas de 22 em São Paulo e 23 no Rio Grande do Sul, contra o governo do Presidente Arthur Bernardes (eleito em 1922). As tropas revolucionárias marcharam pelo Paraná, inclusive a afamada Coluna Prestes teve sua passagem pelo oeste. Nestes anos o Governador Caetano Munhoz da Rocha (leal ao governo) formou o Regimento de Cavalaria Provisório, com 150 homens, visando capturar os líderes revolucionários. Este regimento se trata da Coluna de Operações do Sul, que opôs resistência aos revolucionários tenentistas e destacou o nome do Paraná na História nacional.

Diferentemente de Catanduvas, localizada a sessenta e três quilômetros de Cascavel, onde os abastados comerciantes e proprietários rurais foram saqueados pelas forças revolucionárias, os habitantes antigos e descendentes destes, em Foz do Iguaçu, mantêm boas recordações das tropas oriundas do Rio Grande do Sul, como destaca Alceu Sperança:

O impacto da presença das tropas gaúchas – a Coluna Prestes – já foi inteiramente diverso em Foz do Iguaçu. O capitão Luiz Carlos Prestes e seus comandados acabaram inspirando confiança na população oestina, ao contrário dos soldados paulistas (Sperança, 1992, p.88).

A obra também pode ser usada como sustentação da existência de “gaúchos” na nascente Cascavel, que pode ser percebida na transcrição da entrevista dada pela Sra. Laurentina Lopes Schiels, pioneira oriunda de Cantagalo, que chegou numa caravana de oito pessoas em Encruzilhada, em 1922, no depoimento concedido à jornalista Maria

Roselane Gabriel:

Um dia chegou um revoltoso em nossos ranchos. Rondava a gente e usava um lenço vermelho no pescoço. (...) Depois eles souberam que os inimigos, legalistas, iriam chegar ao acampamento e fugiram temerosos. Só mesmo o primeiro jagunço permaneceu no local. Fez amizade com a gente e viveu dois anos em nosso quintal (O PARANÁ, 1990).

O lenço ao que se refere a Sra. Laurentina é o adotado e surgiu politicamente no Rio Grande do Sul, para designar a cor partidária quando da Revolução Farroupilha de 1835 entre simpatizantes do regime republicano contra monarquistas (adotado pelos farrapos e usado com um nó em forma de cruz e espaldado nas costas). O uso deste se repete na Revolução Federalista de 1893. A cor vermelha designa sempre os revolucionários e também é a cor da maçonaria vermelha de origem francesa e características republicanas que inspiravam os farroupilhas. Carregando (muitas vezes pejorativamente) a alcunha de maragatos, esta pode ter surgido em função de os federalistas terem sido exilados no Uruguai, numa região colonizada por espanhóis originários da Maragateria, na tentativa de atribuir-lhes uma procedência estrangeira, mesmo se tratando de gaúchos brasileiros. Vale destacar que esta é a cor representativa do CTG Estância Colorada de Cascavel, o mais proeminente da cidade e que atribui suas cores representativas ao Clube a que pertence (Associação Atlética Comercial fundado em 1991)⁹.

Segundo Sperança, o lugarejo conhecido como lugar de passagem, um entroncamento de picadas e trilhas que ligavam ao porto na foz do Rio Iguaçu, a Encruzilhada (supostamente a área que compreende a Avenida Brasil, esquina com a Rua Osvaldo Cruz e arredores era conhecida por Encruzilhada dos Gomes, depois se tornou Aparecida dos Portos). Oficialmente habitada em 1930, acabou por absorver o nome dado ao rio e pouso dos tropeiros de outrora. Consta que é habitada desde 1920, eis a localidade de Cascavel. Esta também foi conhecida por ter entre seus pioneiros e defensores da atual conformação oficial como município independente de Foz do Iguaçu e pólo figurado com destaque de personagens de origem gaúcha, muitos descendentes de imigrantes italianos que se fixaram na região serrana do RS, Tubarão e Vale do Itajaí,

⁸SPERANÇA, Alceu. **Cascavel: a história**. Curitiba: Editora Lagarto de Curitiba, 1992, p. 87.

⁹Para conhecer mais sobre o referido clube, podemos indicar o acesso ao site: www.associaçaoatleticacomercial.com.br.

em SC, e na Baixada Litorânea do Paraná, a partir de 1875, e que posteriormente se deslocaram para a região Oeste. Entre eles, destacam-se, oficialmente, segundo Sperança:

- Sandálio dos Santos, nascido em Quaraí – RS, em 1902. Filho de um combatente da Revolução Constitucionalista de 1893, estudou em escolas no Uruguai, pois era criado na fronteira e, com a morte do pai, tornou-se necessário custear seu próprio sustento. Encantado com os relatos de prosperidade no Paraná, por causa da erva mate, parte de casa menino ainda. Dono de uma biografia célebre, escreveu suas memórias e hoje nomeia a Biblioteca Pública de Cascavel. Foi trazido das cercanias de Catanduvas por “Tio Jeca”, um comerciante que iniciou uma série de obras e feitos políticos para o que seria o município de Cascavel (criado em 1951 por lei estadual 790/51), José Silvério de Oliveira (Nhô Jeca) é considerado seu fundador. Por ter empenhado seus esforços em ver Getúlio Vargas Presidente da República e este foi derrotado por Júlio Prestes, representante da oligarquia, em 1929, temendo represálias dos adversários, mudou-se de Catanduvas para encruzilhada e ideou torná-la uma cidade, convencendo Sandálio a acompanhá-lo;

- Manoel Ludgero Pompeu, nasceu em Nonai – RS, em 1888. Participou da Revolução de 1930, foi nomeado subprefeito distrital em 1949, vindo a residir em Cascavel e realizando muitas obras no setor rodoviário. Criou também a 1ª Cooperativa Agrícola do Oeste Paranaense, juntamente com 31 membros, em 1932, e eleito pelos seus pares como diretor tesoureiro;

- Florêncio Galafassi, natural de Bento Gonçalves, em 1889, e chegou a Cascavel em agosto de 1948, a serviço da Industrial Madeireira, da qual era sócio, para assumir o controle da Serraria Moysés Lupion cuja filial se tornaria a única exportadora da região, empresta seu nome à Praça do Migrante local, onde desembarcou pela 1ª vez em que chegou à cidade que ajudaria a construir e lutar pela sua emancipação e a criação de uma Comarca;

- José Neves Formighieri, nasceu em Marcelino Ramos – RS, em 1915. Foi eleito prefeito em 1952, pelo Partido Trabalhista Brasileiro, por um voto de diferença (383) sobre seu opositor Tarquínio Joslin dos Santos, do Partido Republicano (382) e vereador em 1956. A gestão de Formighieri é marcada pela oposição de um sacerdote polêmico, oriundo de Erechim, no Rio Grande do Sul, que chega à nascente cidade. O padre italiano Luiz Luíse viera para instalar

a Paróquia de Nossa Senhora Aparecida e fez o papel de prefeito até a posse do 1º prefeito eleito e liderou, com Galafassi, um movimento para a conquista de uma linha aérea regular para o município, mas se indispsôs com Formighieri quanto à localização da nova igreja, defendendo o local onde se encontra hoje a Catedral (considerado Patrimônio Novo) e o prefeito, juntamente com os mais tradicionais, primava pela idéia da Matriz no mesmo local onde já existia a pequena igreja, nas proximidades do antigo aeroporto, no Patrimônio Velho (proximidades da Praça do Migrante);

- Helberto Edwino Schwarz, natural de Taquara-RS, chega a Cascavel em 1949 para associar-se a Galafassi na administração da Industrial Madeireira e elege-se vereador no primeiro pleito, pelas suas realizações e pela influência das obras de Galafassi, através da madeireira. Eleito 2º prefeito da cidade, amplia o êxito das conquistas da gestão anterior;

- Jacy Miguel Scanagatta, o sexto prefeito de Cascavel, também gaúcho de Erechim, foi criado em Xanxerê – SC, onde a família atuava no ramo madeireiro.

Nesse sentido, fica visível que a presença de gaúchos em território da localidade Encruzilhada é comprovada por inúmeros relatos. Cabe aqui também ressaltar a existência de documentos fotográficos no Museu da Imagem e do Som de Cascavel retratando, em 1940, uma balsa transportando uma família, em que figuram indivíduos trajando bombachas e botas (vestimenta típica do homem gaúcho). Outro documento fotográfico, reproduzido no livro Cascavel: a história, de Alceu Sperança, apresenta um gaúcho ao lado de um caminhão em 1947, transportando madeira para Foz do Iguaçu, destino da madeira retirada na região pela serraria (ainda) de propriedade de Moysés Lupion. Fazem parte do acervo, também, fotos de duas churrascadas comemorativas: uma de 1951 quando as lideranças celebram a criação do Município de Cascavel e outra de 1953, quando da inauguração das obras de adequação do aeroporto e do pouso da aeronave da empresa Cruzeiro do Sul que inicia o funcionamento de uma linha regular para a localidade¹⁰.

Estas observações comprovam que os usos e costumes, como vestimenta e churrasco, característicos dos gaúchos (estes em maioria migrantes descendentes de italianos), são trazidos para a região paranaense e se tornam naturais nas festividades locais. Neste momento, vale frisar, sob

¹⁰Sobre a História da região oeste do Paraná podemos citar os autores: **Rui Wanchonski, Lucinéia Steca, Cláercio Schneider, Valdir Gregory**, entre outros.

a ótica de Barbosa Lessa¹¹, longo período em que o Paraná pertenceu à Quinta Comarca de São Paulo e a alcunha, dada pelos bandeirantes e paulistas em geral, aos advindos do Rio Grande do Sul: “o continente”. Assim chamaram de “continentinos” os indivíduos provenientes daquela região. Denominam-se estes de “gaúchos” por já terem assimilado usos e costumes característicos do sul, quando originalmente o traje característico do italiano era composto de calças de brim riscado, camisa de algodão sem gola, colete e paletó, chapéu de palha trançada ou de feltro e nos pés botas, tamancos ou chinelos de couro¹².

Este gaúcho, originalmente italiano, é produto social, que não renuncia a si mesmo para submeter-se às normas da reciprocidade, cooperação e até mesmo as coerções sociais. Há neste indivíduo uma espécie de “infiltração social” em que este assimila os usos, costumes e valores da vida em comum, por viver em pequenos grupos em que prevalece a consciência social. Em virtude do entrecruzamento de múltiplos grupos, ocorre, por conveniência, um ajustamento e assimilação das características comuns. Portanto, este indivíduo quando migra para o Paraná, já está mergulhado por fortes emanações da coletividade rio-grandense e sente-se de fato “gaúcho” e, por conseguinte, não mais um estrangeiro em terra estranha (oeste paranaense), e sim, brasileiro do sul, expandindo as fronteiras do seu país.

criação da tradição no sul do Brasil

O mito, como elemento compositor da construção de um imaginário, concedendo ao “gaúcho” uma representação, é concretizada na escolha do ícone João Cezimbra Jacques, como patrono do tradicionalismo gaúcho institucionalizado.

João Cezimbra Jacques, nascido em 1849, em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, é detentor de uma biografia marcada pelo pioneirismo e pela desgraça familiar. Através da então incurável tuberculose, perde sua família (mãe, esposa e filhos muito jovens, e ele próprio vem a sucumbir da mesma doença). Seu pai militar é morto, ainda jovem, na Guerra do Paraguai onde ele também prestava serviços militares com então 18 anos. Criado por seus avós, o Major João Cezimbra Jacques é notoriamente

considerado, no Movimento Tradicionalista Gaúcho, como o Patrono do Tradicionalismo Gaúcho, em decisão efetivada no 6º Congresso Tradicionalista realizado em Cachoeira do Sul – RS, em dezembro de 1959 e sediado pelo CTG Tropeiros Lealdade. Sob a inspiração da Açuerco Sociedad La Criolla, no Uruguai, fundada e presidida por Elias Regulles, em 20 de março de 1894, Cezimbra constituiu um grupo de civis e militares, colegas e alunos do então Colégio Militar, e entre estes, “algumas dignas senhoras e senhoritas” em suas próprias palavras. Cezimbra Jacques fundou e subscreveu o Estatuto do Grêmio Gaúcho na cidade de Porto Alegre, em 22 de abril de 1898, entidade pioneira no culto sistematizado das tradições gaúchas sul rio-grandenses e que possui sua sede no alto da Avenida Carlos Barbosa, no bairro da Glória, em Porto Alegre.

Em obra literária do ano de 1912, ASSUMPTOS do Rio Grande do Sul, pelo Major João Cezimbra Jacques, publicada em Porto Alegre pela Oficinas Graphicas da Escola de Engenharia (hoje Colégio Júlio de Castilhos), quando da reedição dos escritos pela Estante Rio-Grandense União de Seguros - ERUS em 1979, publica também o Perfil de um Pioneiro, apresentação do autor pelo Coronel Hélio Moro Mariante, na qual Cezimbra Jacques é citado como um dos fundadores do Partido Republicano no Rio Grande do Sul, integrando também o quadro dos primeiros adeptos do Positivismo no Estado. Foi um dos primeiros intelectuais gaúchos a escrever sobre os problemas sociais, bem como fez parte da fundação Academia de Letras do Rio Grande do Sul, onde ocupou a cadeira de Crítica e História e é o patrono da cadeira 19 na atual academia. Integrou o corpo docente das Escolas Militares de Rio Pardo e Porto Alegre, sendo estimado por seus pares e alunos como pesquisador¹³.

Neste sentido, podemos ver algumas notas publicadas após sua morte em 1926:

“Original, excêntrico, respeitável por todos os títulos, gozava de alta consideração no meio social” (Dr. Sinval Saldanha. In: Correio do Povo. Porto Alegre, março de 1926).

“Foi um grande ginete e exímio domador, que costumava passar longas temporadas nas estâncias de parentes e amigos, participando, com invulgar

¹¹LESSA, Luiz Carlos Barbosa. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo: como surgiu o Rio Grande** / Luiz Carlos Barbosa Lessa. 4ª ed. Porto Alegre: AGE, 2002.

¹²ZATTERA, Vera Stedile. **Pilchas do Gaúcho - Vestuário Tradicional, Arreios e Avios do Mate**. Porto Alegre: Editora Palotti, 1995.

¹³Dentre as obras de Barbosa Lessa destacam-se: **A Proteção ao Operariado na República**, em 1918, um pequeno ensaio sobre tema pouco explorado na época; **Ensaio sobre Costumes do Rio Grande do Sul** (1883) e, na obra **Assuntos do Rio Grande do Sul** (1911), escreveu uma monografia com o título de **Frases e Vocábulo de Aba Neenga Guarani e Notas sobre os Silvícolas**, obras que tratam de história, geografia, usos e costumes do homem do campo e um estudo etnográfico sobre os indígenas habitantes da zona meridional do Rio Grande do Sul.

entusiasmo, de todas as práticas campeiras, nas quais se revelava um verdadeiro mestre...” (Anacleto Torres. In: “Invocação Póstuma” *Jornal Correio do Povo*, de 29.08.1926).

“Mais de uma vez visitei-o em sua residência... Na parede do quarto, penduradas, se viam fotografias de dois moços, e duas blusas de militar. Eram dos entes queridos, levados pela morte” (...) se curvava todos os dias ante aqueles objetos pertencentes aos caros filhos desaparecidos.

Segue ainda:

(...) Cezimbra Jacques, abriu uma gaveta e dela tirou um saquinho. Aberto, vimos que tinha terra. Sim, era terra do Rio Grande do Sul, que o venerando cidadão conservava para lhe servir de travesseiro, em seu caixão mortuário. Emocionado, disse que iria morrer distante do seu torrão natal, pois não queria afastar-se para longe da sepultura dos filhos, no Rio. E assim sendo, suplicava aos três amigos presentes, que levassem um dia as suas cinzas para os pagos sulinos. Lamentavelmente não foi cumprida sua última vontade. Oswaldo e eu, morando em Porto Alegre e Mário no Rio de Janeiro, viajou à Europa, por longo tempo. Deixamos, assim, passar o prazo de arrendamento do túmulo do intrépido gaúcho. (SINVAL SALDANHA. Em crônica de março de 1964, transcrita no *Correio do Povo* de Porto Alegre).

Tal Patrono do tradicionalismo gaúcho faleceu em 1922, no Rio de Janeiro, onde residiu com seus filhos Alberto e Bolívar, alferes do exército nacional e comissário de polícia, que tiveram mortes prematuras, em virtude de tuberculose.

O amigo de décadas, Mário Kroeff, visitava-o com frequência e relata com pormenores em seus livros *Imagens do meu Riogrande*, e *O gaúcho no panorama brasileiro*, que expõe a biografia trágica do Patrono em suas páginas.

O contexto histórico da fundação do Grêmio Gaúcho é permeado por uma inquietação da sociedade aos movimentos anárquicos, oriundos da influência dos imigrantes italianos. Nos seus escritos, ele justifica a fundação da entidade, seus propósitos e responde a alguns jovens críticos que se opõem à essa entidade. Ao se referir à mulher platina, mostra a nuance do pensamento tradicional da época:

E esse mesmo cruzamento de açorianos, paulistas, espanhóis e indígenas, e esse contato dos dois povos, sul-rio-grandense e platino,

deram à mulher sul-rio-grandense a beleza e a graça da andaluza, a inteligência da francesa e um coração que encerra os grandes sentimentos de humanidade, a par da doçura e da digna submissão ao homem. Nestas condições, em regra, ela tem se tornado, felizmente, surda às doutrinas anárquicas que pretendem arrear a mulher do digno papel de esposa, mãe e irmã ou, em uma palavra, de formar cidadãos e mantém-se firme no lar doméstico, para felicidade da nossa terra, na posição de fiel e sublime anjo da guarda do filho e de inspiração do marido e do irmão (CEZIMBRA JACQUES - *Assuntos do Rio Grande do Sul*, 1979, p. 53).

A partir desta iniciativa de Cezimbra, são criadas agremiações congêneres no Rio Grande do Sul, que viriam em 1947 dar respaldo institucional à criação dos CTGs. Entre elas fulguraram numa concepção de tradicionalismo em fases do pesquisador Darcy Pereira da Paixão, em seu livro: *O Que é o MTG - Questionamento e Perspectiva-volume*¹⁴.

A ESTRUTURAÇÃO BASILAR DAS ENTIDADES PIONEIRAS

- União Gaúcha João Simões Lopes Neto. Pelotas-1899, fase cultural;
- Sociedade Lomba Grandense. Lomba Grande, antigo distrito de Novo Hamburgo-1938, fase recreativa;
- Clube Farroupilha. Ijuí-1943, fase cívico-campeira;
- Departamento Tradicionalista Gaúcho do Colégio Júlio de Castilhos. Porto Alegre-1947, fase cívico-cultural/cultural/artística/recreativa/campeira, portanto, dotada de abrangência nas ações é considerado pelo autor como movimento original realizado pelos acadêmicos;
- 35 CTG. Porto Alegre-1948, criado e institucionalizado por 35 jovens como 1o CTG. Na opinião do autor, corresponde à segunda fase da criação do tradicionalismo gaúcho.

Darcy Paixão reitera que a idéia da fundação do “35” CTG partiu do então estudante e membro do Piquete dos Oito, Luiz Carlos Barbosa Lessa, no intuito de ser mantida acesa “a chama” de culto às tradições gaúchas, alusão à centelha tomada da pira da pátria, no dia 7 de setembro de 1947, que acendeu o fogo de chão no Colégio Júlio de Castilhos, onde perdurou até o dia 20 de setembro, em

¹⁴º volume da coleção, **Quando Falo em Tradição** - Imprensa Universitária. Universidade Federal de Santa Maria-RS, 1997.

comemoração ao início da Revolução Farroupilha¹⁵. Os atos realizados pelos jovens, numa espécie de cerimonial, iniciado pela retirada de uma centelha da chama da Pátria e conduzida por um piquete de oito cavalarianos pilchados (com a vestimenta típica do homem gaúcho) de xiripá ou bombachas, foi colocada num candeeiro no colégio, decorado com utensílios campeiros e quadros retratando as lides do homem do campo, (nos parece o simbolismo descrito por Mircea Eliade como uma tendência que fundamentava sua história nos símbolos e imagens de glórias como que as “santificando” o que as tornava indestrutíveis). Aceso o fogo no chão, com os gaúchos ao redor cantando, declamando versos, contando causos e tomando chimarrão, enquanto aguardavam a vez de efetuar a ronda, em substituição ao companheiro da guarda de honra da chama, alimentavam-se de churrasco e comidas típicas da culinária gaúcha. Na chamada 1ª Ronda Crioula (uma alusão à atividade campeira de cuidar da tropa e dos seus, cantando ou assobiando para acalmar o gado enquanto os companheiros descansam à noite) os atos foram dotados de caracteres cívico e culturais, que são repetidos desde 1977, até hoje, no Palácio Piratini (sede do governo do RS), que se tradicional somente trinta anos após a iniciativa dos jovens.

Parece-nos, neste momento, necessária a intervenção da teoria de Eric Hobsbawm, para que tenhamos não somente a descritiva história do tradicionalismo gaúcho. Deixemos o historicismo por alguns momentos em suspense e analisemos o que até aqui foi descrito. A instituição do cerimonial, pelo governo, oficialmente, não é inocente e pauta-se numa “tradição inventada”, mas estabelece-se, enraíza-se com tamanha rapidez, como o teórico Hobsbawm especifica:

Por “tradição inventada” entende-se um conjunto de práticas, normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais práticas, de natureza ritual ou simbólica, visam inculcar certos valores e normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. Aliás, sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado (HOBSBAWM, 1984, p. 09).

Quando da criação ou invenção do culto à tradição, proposta por Cezimbra Jacques, numa tentativa de reação às transformações de um novo mundo que se descortina e da influência de outras culturas que penetram na sociedade Rio-grandense, ele se manifesta em defesa de uma cultura “original” e fundamenta-se na história de lutas desse povo pela defesa do seu território. Como se fossem soldados de um exército, munido da cuia de chimarrão e trajando bombachas, em vez da cruz e do estandarte dos colonizadores cristãos do descobrimento, tentam impor uma nova ordem, como complementa Maria Gaeta:

A edificação dos monumentos ancorava a construção dessa memória de triunfo guerreiro. O simbolismo religioso expressava, pois a própria história portuguesa dentro da empresa colonizadora, imaginada como cheia de perigos, desconhecida e povoada de inimigos (GAETA, 1990, p. 139).

Em 1952 os CTGs espalharam-se pelo interior do RS seguindo as mesmas regras e diretrizes traçadas pelo 35º CTG, realizando-se o 1º Congresso Tradicionalista no CTG Ponche Verde de Santa Maria, em 1954, evento em que é aprovada a tese de Barbosa Lessa, O Sentido e o Valor do Tradicionalismo Gaúcho, na qual Lessa apresenta as características do tradicionalismo:

Mais que uma teoria, o Tradicionalismo é um movimento. Age dentro da psicologia coletiva. Sua dinâmica realiza-se por intermédio dos CTGs, agremiações de cunho popular que têm por fim estudar, divulgar e fazer com que o povo “viva” as tradições rio-grandenses. O tradicionalismo deve ser um movimento nitidamente POPULAR, não simplesmente intelectual. É verdade que o tradicionalismo continuará sendo compreendido, em sua finalidade última, apenas por uma minoria intelectual (LESSA, tese defendida em 1954).

Apesar de a Tese haver sido publicada pela Comissão Estadual do Folclore do Rio Grande do Sul, órgão do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura, somente em 1964 o governo reconhece oficialmente o Tradicionalismo Gaúcho como entidade, através da oficialização da Semana

¹⁵Ocupação de Porto Alegre em 1835 pelos revolucionários liderados por Bento Gonçalves, exigindo a renúncia do presidente da província e obrigando a Assembléia Provincial a nomear um novo presidente para, no ano seguinte, organizar a República Rio-grandense independente do governo central, numa luta fratricida que duraria dez anos. Consultar bibliografia sobre o tema em: FAGUNDES, Antonio Augusto. **Cartilha de história do Rio Grande do Sul** (uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho). Coord. e supervisão: Onésimo Carneiro Duarte. 2ª ed. Porto Alegre; Martins Livres, 1994; PAIXÃO, Darcy Pereira da. **O que é MTG. Questionamento e Perspectiva**. Volume I-Santa Maria-RS; Imprensa Universitária UFSM, 1995. Estado do Rio Grande do Sul. Secretaria de Estado da Cultura. **Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore** - Diretoria Técnica Departamento de Produção no Setor de Pesquisa.

Farroupilha.

O IGTF (Instituto Gaúcho de Tradição e Folclore) têm em seus arquivos documentais a data de 28 de outubro de 1966 para a criação do MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) como sociedade institucionalizada civil composta por CTGs e entidades afins (departamentos, piquetes, grupos de clubes e escolas). Com a aprovação de regulamentos e estatutos, em 1974 o governo cria o IGTF para auxiliar, pesquisar e salvaguardar as investigações feitas sobre a história do RS e do gaúcho, muitas sobre a ótica dos escritos, das pinturas e desenhos de estudiosos estrangeiros¹⁶ dos séculos XVIII e XIX. Estas obras embasaram e foram ampliadas substancialmente por Barbosa Lessa e Paixão Cortês¹⁷, em suas andanças pelo interior do estado, recolhendo e resgatando usos e costumes, canções, danças, causos e poesias conhecidas como crioulas, por serem praticadas pelo povo. Sempre primando pela manutenção da cultura gaúcha original, em vista da larga expansão do movimento pelos estados brasileiros.

Na atualidade, o Tradicionalismo Gaúcho conta com mais de 3.600 CTG espalhados pelo Brasil pelo mundo. Nos Estados Unidos, há o Centro de Cultura Gaúcha General Bento Gonçalves em Hollywood, distrito de Los Angeles, estado da Califórnia; dois centros no estado de Massachussets e um no estado de Nova Jersey. Marca presença também no Paraguai, Portugal (Lisboa) e, em breve, na Itália. Para dar respaldo cultural e legal a esses, foi criada a CITG (Confederação Internacional da Tradição Gaúcha) por tradicionalistas argentinos, uruguaios e brasileiros, reunidos em Alegrete-RS. Ainda conta com a CBTG (Confederação Brasileira de Tradição Gaúcha), criada em 24 de maio de 1987, sendo composta pelas entidades filiadas dos MTG de Santa Catarina, Paraná, Mato Grosso, FPTG-SP (Federação Paulista de Tradições Gaúchas), FMTG-MS (Federação Matogrossense de Tradição Gaúcha), Federação Gaúcha do Planalto Central, que abrange o Distrito Federal, Goiás, Minas Gerais e Sul da Bahia e ainda a União dos Tradicionalistas do Nordeste e CTGs no Rio de Janeiro.

Temos ainda uma relação dos Estados brasileiros e o seu respectivo número de entidades, segundo o cadastro das entidades¹⁸: Acre, Amazonas,

Bahia (2), Ceará, Distrito Federal (5), Espírito Santo, Goiás (8), Maranhão, Mato Grosso (39), Mato Grosso do Sul (15), Minas Gerais (7), Pará, Paraná (117), Pernambuco, Rio Grande do Norte, Rio Grande do Sul (518), Rio de Janeiro (5), Rondônia, Roraima, Santa Catarina (127), São Paulo (36) e Tocantins. O Paraná é um Estado que conta com números expressivos de entidades filiadas em plena atividade nos vários departamentos (invernadas) que compõe um CTG. Destaca-se em todas as modalidades de que participa e desfruta do respeito das autoridades tradicionalistas do Estado do Rio Grande do Sul, como destaca o jornalista e tradicionalista Edson Otto, em reportagem especial para a CBTG:

(...) valorizando as atividades artísticas e dando suporte a que a juventude tradicionalista daquela federação pudesse organizar-se de forma mais capaz. Por isso consolidou mais a unidade da entidade que desponta como das melhores organizadas e ativas da CBTG e influiu decisivamente para o clima de consenso geral que imperou em Cascavel nos dias 27 a 29 de agosto próximo passado (Jornal Tradição de Porto Alegre, setembro de 1999, p. 06).

Como podemos notar através dos dados coletados, é grande a disseminação das entidades pelo país afora. Neste momento abarcaremos a institucionalização da tradição gaúcha no Paraná.

A TRADIÇÃO GAÚCHA E A SUA ESTRUTURAÇÃO NO PARANÁ

No Paraná, apesar do expressivo número de CTGs e tradicionalistas atuantes, principalmente na arte dos rodeios campeiros, o MTG não havia sido institucionado até 1975. Apenas num rodeio, em Vacaria-RS, as delegações do Paraná acertaram a criação da entidade e, em 5 de dezembro de 1975, foi registrada em cartório de Ponta Grossa, assumindo a presidência o Sr. Carlos Meira Martins e sua esposa Indianara, grande incentivadora da participação da juventude no movimento. Estes ficaram à frente da entidade por seis anos, reassumindo a entidade para o biênio 1997/99. O Estatuto do MTG-PR, aprovado em 1986, foi reformulado no 9o Congresso Tradicionalista Gaúcho do Paraná, realizado de 27 a

¹⁶O alemão Robert Ave-Lallemant, em *Viagem pela Província do Rio Grande do Sul* (1858); o botânico francês Auguste de Saint Hilaire, em *Viagem ao Rio Grande do Sul* (1820); Jean Baptiste Debret, em *Viagem pitoresca e história do Brasil*; ou ainda, Gastão de Orleans, o Conde D'EU, em *Viagem militar ao Rio Grande do Sul* (agosto a novembro de 1865).

¹⁷Este é criador do Piquete dos Oito, no Colégio Júlio de Castilhos (organizado para receber a cavalo os despojos do General farroupilha David Canabarro, trasladado para a capital). Porto Alegre também ostenta um monumento que se tornou símbolo: a estátua do Laçador, do escultor Caringi, para qual Paixão Cortes pousou de modelo.

¹⁸<http://www.paginadogaucha.com.br/ctg/lista.htm>

29 de agosto de 1999, no CTG Estância Colorada, de Cascavel, na presença do pesquisador, Luiz Carlos Barbosa Lessa (já falecido) e do presidente da CITG, Rubens Luiz Sartori, de Campo Mourão - PR, que presidiu a CBTG no ano de 1995.

Inspirado no Rio Grande do Sul, foi aprovado o estatuto que dirige os procederes (modo de agir, ações) de seus filiados, e neste evento foi eleito, para presidir o biênio 99/01, um peão do CTG Estância Colorada, o tradicionalista Adão Noé Fortes Camelo (falecido).

Segundo documento remetido pela Secretaria de Estado da Cultura, através do órgão IGTF, a Diretoria Técnica do Departamento de Produção e Cultura no Setor de Pesquisa, no qual designa que os CTGs são núcleos com nomes registrados e atividades sócio culturais dirigidos por regulamentos ou Regimento Interno, quando patrocinados por clube recreativo, caso do CTG Estância Colorada, o dirigente da entidade deve ser denominado Patrão e os associados Peões e Prendas. Congregando e representando os CTGs, está o Movimento Tradicionalista Gaúcho (MTG), com a preocupação de “preservar os valores culturais, incentivando, entre outros, a linha artística regional”.

O MTG-PR conta hoje com 16 Regiões Tradicionalistas e 117 CTGs. O município de Cascavel faz parte da 10ª Região Tradicionalista do Paraná e a cidade conta com três entidades, sendo. O CTG Rodeio da Tradição, CTG Lanceiros do Ponche Verde e CTG Estância Colorada, fonte e campo de observação para nossa pesquisa.

A entidade CTG Estância Colorada foi fundada como um departamento da Associação Atlética Comercial, um clube social que, entre seu quadro de associados, possui muitos de origem gaúcha. Nasce em 5 de julho de 1991, dotada das cores representativas do clube, o vermelho. Assume a 1ª Patronagem o Sr. José Alberi Deitos que, na sua gestão iniciando a montagem das primeiras internadas (departamentos) artísticas e das modalidades individuais, conquistou inúmeros prêmios.

Em 1995, sedia o 2º Festival Nacional de Arte e Tradição (FENART) e 6º Rodeio dos Campeões na modalidade campeira e esportiva, em que os campeões dos estados que compõem a confederação desempenham suas habilidades. Na gestão do 3º Patrão, Gilberto Kappke, o Capataz (vice-patrão) é o Sr. Altair Sebben, o grande incentivador da modalidade campeira, embora suas três filhas tenham crescido desempenhando seus dotes nas modalidades danças, declamação e na área cultural, como prenda tradicionalista. A entidade

continua sua ascensão e acumulando troféus. Sob o seu comando é criada também a Internada Campeira, sendo este o departamento responsável pelas ações e desenvolvimento das habilidades no laço e do Rodeio, tendo como 1ºs Patrões Campeiros o Srs. Lúcio Queiroz e Odair Lazzarim. O sucessor, o Sr. Edegar Dalbosco (atualmente vice-patrão do MTG-PR), é o Patrão da construção da sonhada sede própria. O Galpão conta com 1360 m², localizado no Parque de Exposições Celso Garcia Cid, que abriga também a sede da Sociedade Rural, promotora do evento anual tradicional da agricultura, a EXPOVEL.

No galpão são realizados todos os eventos de conagração das famílias e indivíduos que integram o quadro de tradicionalista gaúcho, como Saraus de Prendas, o anual e festivo Café Colonial, de aniversário da entidade, e o concorrido tradicional Costelão, no mês de dezembro. Contam ainda com os fandangos e concursos de Prendas para ensinar, preparar e avaliar o conhecimento e habilidades de suas integrantes e dos seus Peões Birivas que, além de conhecimentos culturais e artísticos, devem ser hábeis nas atividades campeiras e podem ser os participantes provenientes de qualquer etnia ou espaço geográfico.

A filiada do MTG já sediou festivais de relevância como o 7º e o 11º Festival Paranaense de Arte e Tradição Gaúcha (FEPART), que está no 16º ano de realização, dos quais o CTG Estância Colorada é campeão geral de 10 edições, adquirindo o direito de representar o Estado do Paraná no IX FENART (Festival Nacional de Arte e Tradição, realizado bianualmente), que em janeiro de 2007, foi sediado pela cidade de Pato Branco-PR, onde a entidade sagrou-se campeã na modalidade danças tradicionais categoria mirim (até doze anos incompletos) e juvenil (até dezessete anos incompletos). Sediou o 14º Fecastchê, evento realizado anualmente no mês de abril, em que o Festival Cascavelense de Arte e Tradição Gaúcha e o Rodeio Crioulo Interestadual são referências em nível tradicionalista nacional. Seus troféus são expostos como que “monumentos” na secretaria da entidade, se tornam símbolos que se ostentam a todos que ali adentram. Sua história de conquistas vitoriosas e imponentes, construindo ou efetivando mentalmente através da visualização o triunfo guerreiro de sua representatividade gaúcha, é demonstrada no desfile de comemoração do aniversário de Cascavel no dia 14 de dezembro, bem como no desfile da semana da Pátria e demais festividades da cidade. O CTG Estância Colorada sempre é convidado pelas autoridades para que, com a indumentária característica (pilchas) e os campeiros à cavalo, represente sua presença na

sociedade cascavelense como elemento de formação. Recorrendo, novamente, à Maria Eunice Maciel, ao pesquisar o “mito do gaúcho”, salienta que o gaúcho pode ser considerado uma “figura emblemática” construída,

(...) esta figura expressaria uma determinada imagem dos habitantes da região, transmitindo idéias sobre como seriam (ou deveriam ser) os gaúchos. Esta figura, muito além do estereótipo e do clichê, é um emblema, um símbolo, presentificando e personalizando um conjunto social, e como tal pertence ao imaginário, mobiliza representações e sintetiza valores e julgamentos (MACIEL. IN: *Mitos e Heróis-Construção de Imaginários*, 1998, p.83).

Cabe aqui ressaltar que nos parece esta entidade receber notoriedade nos convites por parte do poder constituído, de certa forma legitimando a importância de sua existência, bem como a significativa atuação de seus membros na constituição (ainda em processo) da estrutura social que ora se demonstra.

CONSIDERAÇÕES GERAIS DA PESQUISA

Nesse trabalho de análise se pressupõe a possibilidade de interpretação da estrutura mental e a sua constituição, a partir da escolha do objeto determinado estar centrado no indivíduo gaúcho. Na execução das investigações pudemos constatar a existência de um composto mental dotado de evidente complexidade neste indivíduo, a proximidade proporcionada pela abundância de eventos de coesão cria nele uma identidade de interesses, sentimentos e aspirações comuns, integrando-os e resultando numa dependência do indivíduo ao grupo.

As práticas sociais da Tradição Gaúcha (como eventos, concursos culturais, prática de atividades campeiras e o culto ao chimarrão e o hábito de churrasquear, entre outros mecanismos) estruturam uma espécie de memória coletiva que se fundamenta na prática de hábitos dos ancestrais e do passado (consangüíneos ou por identificação, personagens heróicos ou não). Portanto, naquilo que o grupo considera “uma história só deles” de lutas e feitos, fortalece a integração e interdependência ao grupo, ou seja, interagindo uns com os outros figura-se a construção mental do indivíduo que orienta o seu futuro em sincronia com o futuro do grupo.

Independentemente de sua localização ou origem geográfica, o indivíduo gaúcho (grande parte deles), busca criar núcleos de relacionamento direto entre os seus e, para tal, os CTGs demonstram surtirem eficácia. O discurso enfático que encerra a frase lema do MTG-PR “Povo sem tradição, morre a cada geração” os conclama a unir-se em prol de uma perpetuação sob o auspício do estandarte de uma tradição genuína (considerada só deles). Mesmo nos processos de contradição ou de oposição¹⁹, demonstrados pela observação feita por nós na entidade, percebe-se que a intensidade de estímulos e o imediatismo do contato pessoal não são suficientes para controlar as insurreições. À medida que cresce demasiadamente o número de adeptos para ser “transformados em gaúchos”, ou seja, criar e/ou estabelecer nestes “o sentimento de pertencimento”, a organização social se complica e as divergências de pensamento quanto ao caminho a seguir e ao cumprimento na íntegra dos regulamentos e normas, fazem os indivíduos titubear entre as crenças já enraizadas e valores antagônicos.

Neste momento de “confusão social”, o Patrão (presidente, dirigente) se torna o elo de junção ou de ruptura no grupo. Há, pois, a personificação da união no indivíduo “Patrão” (nomenclatura do presidente da entidade), para a manutenção do grupo coeso entre os novos e os mais antigos na sociedade. Em casos extremos, “os mais antigos e/ou os mais tradicionais” se insurgem para retomar as “rédeas” do movimento e reinstalar o cumprimento das normas e diretrizes tradicionalistas da entidade, reacendendo a chama através das práticas sociais de interação, buscando sempre a coesão do grupo. Neste momento, como ferramentas, são utilizadas estrategicamente os feitos históricos e as leis originais daqueles que são “heróis do passado”²⁰. Como Glaucus Saraiva²¹ aponta no artigo 7º do Código de Honra da 1ª entidade oficialmente reconhecida pela sigla CTG no país:

Os gaúchos do “35” são bem mandados e com dignidade e altivez sabem compreender: LIBERDADE dentro do corredor da DISCIPLINA! (Código de Honra do “35” CTG, extraído da ata número 11, Porto Alegre, 24/05/48).

Ou ainda, enfatizando a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Paraná, quando se refere ao convívio harmônico idealizado

¹⁹Quando há divergências sobre aplicações de sanções contra membros que descumprem alguma lei regimentar ou mudança de posicionamento sobre alguma diretriz da entidade.

²⁰Sobre heróis, podemos citar a obra **A Fabricação do Carisma: A Construção Mítico-Heróica na Memória Republicana Gaúcha**, de Loiva Otero Félix. In: **Mitos e Heróis - Construção de Imaginários**. p.141.

²¹º Patrão e elaborador do Código de Honra do “35” CTG de Porto Alegre, o 1º CTG oficial com esta sigla.

nos artigos:

4º) Facilitar e cooperar com a evolução e o progresso, buscando a harmonia social, criando a consciência do valor coletivo e combatendo o enfraquecimento da cultura comum e a desagregação que daí resulta.

7º) Fazer de cada CTG um núcleo transmissor de herança social e através da prática e divulgação dos hábitos locais, noção de valores, princípios morais, reações emocionais e criar em nossos grupos sociais uma unidade psicológica, com modos de agir e pensar coletivamente, valorizando e ajustando o homem ao meio para a reação em conjunto frente aos problemas comuns.

13º) Evitar toda e qualquer manifestação individual ou coletiva, movida por interesses subterrâneos de natureza política, religiosa ou financeira.

23º) Revalidar e reafirmar os valores fundamentais da nossa formação, apontando às novas gerações rumos definidos de cultura, civismo e nacionalidade.

A ênfase desses artigos consiste numa forma de educação sistemática dos novos integrantes (jovens ou não). Sempre pautada sobre uma base comum que se reduz à transmissão dos padrões gaúchos de convivência e/ou procederem pelas gerações mais antigas às gerações mais novas. A tese de Barbosa Lessa, *O Sentido e o Valor do Tradicionalismo*, discorre sobre essas orientações. Denota-se o convívio criando um sistema de idéias, sentimentos e hábitos que compõem a tradição e imprimem no indivíduo a personalidade do grupo, e estes, por sua vez, entre si se protegem, regulam e orientam procedimentos do grupo. Hipoteticamente, o indivíduo busca a personalidade do grupo de que faz parte, “corrigindo, modificando” o ser individual contido dentro dele, para tornar-se gaúcho (a característica do grupo). Justificar a idéia de uso popular que especifica que ser gaúcho é um sentimento de pertencimento e não uma origem geográfica. Neste caso, o pago torna-se um ideário consensual harmônico e o grupo materializa sua família tradicionalista.

Contudo, na observação efetivada dentro da entidade tradicionalista CTG Estância Colorada localizada na cidade de Cascavel, PR, apresenta-se na contemporaneidade hipóteses de o gaúcho ser “um todo independente que se basta” e pode ser explicado per si, mas acaba por ser inexplicável, quando abstraído do contexto coletivo. Dependente, o gaúcho necessita das práticas coletivas e solidárias para existir; demonstrando que o gaúcho original andarilho, sem Pátria e sem caráter, enfatizado pelos

opositores do tradicionalismo, como Tau Golin²² e pelos periódicos da época de Cezimbra Jacques, transformou-se no indivíduo social que ora se apresenta, mas que conserva em sua constituição mental aspectos ainda originais como a facilidade para se adaptar geograficamente, visando melhoras de condição de vida e para tal utilizando de mecanismos mentais como “a lembrança idealizada de um pago”, sem contudo, querer voltar definitivamente para o local de origem, a não ser para visitá-lo.

Exemplo nítido dos gaúchos observados que estão no Paraná e que quando questionados se gostariam de voltar ao tão falado pago (Rio Grande do Sul) contradizem-se, pois, com lágrimas nos olhos recordam do Estado de origem, alegando que sua “Pátria é o solo paranaense, que o sustenta e ampara sua família e que aqui permanecerá”, exemplos contidos nas entrevistas realizadas durante três meses de viagem pelo Brasil, pela RBS TV do Rio Grande do Sul, no documentário *A Conquista do Oeste*, do ano de 2003, no propósito de retratar a presença dos gaúchos em todo território nacional.

Destacamos que, mesmo investigando enfaticamente o objeto de pesquisa, ainda estamos longe de encerrar o trabalho, pois novas vertentes sempre são possibilitadas para tentar compreender este indivíduo gaúcho.

REFERÊNCIAS

- AVELALLEMANT, R. **Viagem pela Província do Rio Grande do Sul (1858)**. Belo Horizonte: Italiana, 1980.
- LESSA, L. L. C. B. **O sentido e o valor do tradicionalismo**. Porto Alegre: Publicação da Comissão Estadual do Folclore do Rio Grande do Sul, 1954.
- LESSA, L. C. B.; PAIXÃO CÔRTEZ, J. C. **Aspectos da sociabilidade gaúcha**. Porto Alegre: Porteira, 1985.
- BOURDIEU, P.; PASSERON, J. C. **O poder simbólico**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand – Brasil, 1998.
- CEZIMBRA, J. J. **Assuntos do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Oficinas Graphics da Escola de Engenharia, 1912. p. 53.
- DEBRET, J. B. **Viagem pitoresca e histórica do**

²²GOLIN, Tau. **A tradicionalidade na cultura e na história do Rio Grande do Sul**. Santa Maria-RS: Ortiz, 1989.

Brasil. Rio de Janeiro: Edições de Ouro, 1940. v.1-3.

DREYS, N. **Notícia descritiva da Província do Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Globo, 1961.

ELIADE, M. 1907-1986. **O sagrado e o profano:** a essência das religiões. Tradução Rogério Fernandes. São Paulo: Martins Fontes, 1990.

_____. **Imagens e símbolos:** ensaios sobre o simbolismo mágico-religioso. Tradução Sonia Cristina Tamer. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

FAGUNDES, A. A. **Cartilha de história do Rio Grande do Sul** (uma nova visão da formação da terra e do povo gaúcho). 2. ed. Porto Alegre: Martins Livres, 1994.

FARR, R. M. **As raízes da psicologia social moderna.** 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

FELIX, L. O. **Mitos e heróis:** construção de imaginários. Porto Alegre: Universidade UFRGS, 1998.

FREYRE, G. **Casa grande e senzala.** 45. ed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

GAETA, M. A. J. V. **A festa da igreja:** sinais e símbolos do sagrado. In: ENCONTRO DE HISTÓRIA DA ANPUH-FRANCA, 10., 1990, São Paulo. Anais... São Paulo: UNESP, 1990. p. 139. Mimeografado.

HOBSBAWM, E.; RANGER, T. (Org.). **A invenção das tradições.** Tradução de Celina Cardim Cavalcanti. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. p. 09.

ISTVÁN, J. **A sedução da liberdade:** cotidiano e vida privada na América Portuguesa. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

LE GOFF, J. **História e memória.** Campinas: UNICAMP, 1980.

LESSA, L. C. B. **Rio Grande do Sul, prazer em conhecê-lo:** como surgiu o Rio Grande. 4. ed. Porto Alegre: AGE, 2002.

_____. **O sentido e o valor do tradicionalismo.** In: CONGRESSO TRADICIONALISTA REALIZADO NO CTG PONCHE VERDE, 1., Anais... Santa Maria, 1954.

MEZZOMO, F. A. **Religião, nomos e eu-topia:** práxis do catolicismo no oeste do Paraná. Cascavel: EDUNIOESTE, 2002. p. 19.

ORLEANS, G. de C. **Viagem militar ao Rio Grande do Sul** (agosto a novembro 1865). Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1921.

PAIXÃO, D. P. da. **A prenda tradicionalista.** Santa Maria: Palotti, 1997. v. 2 (Coleção Quando Falo em Tradição).

_____. **O que é MTG:** questionamento e perspectiva. Santa Maria: Imprensa. Universitária UFSM, 1995. v.1.

CUNHA MENDES, P. R. Como se define o gaúcho. Revista Pampas, Porto Alegre, p. 18-19, mar. 1991.

SAINT HILAIRE, A. de. **Viagem ao Rio Grande do Sul.** Porto Alegre: Martins Livreiro, 1987.

SETTI, S. Seara une três Estados: SP, RJ e MG. **Revista Tchê,** Curitiba, n. 3. p. 9, ago.1995.

_____. Como surgiu o MTG no Paraná. **Revista Tchê,** Curitiba, n. 3, p. 13, ago. 1995.

SPERANÇA, A. A. **Cascavel a história.** Curitiba: Lagarto, 1992. p. 88-222.

TAUNAY, A. E. **História geral das Bandeiras Paulistas.** São Paulo: Tipografia Ideal, Heitor L. Canton, 1925.

TRAMUJAS NETO, A. Paranaenses gaúchos. **Revista Pampas,** Porto Alegre, p. 25, set./out.1989.

ZATTERA, V. S. **Pilchas do gaúcho-vestuário tradicional, arreios e avios de mate.** Porto Alegre: Palotti, 1995.